

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **EVANGÉLICOS EM REDE: A “VISÃO CELULAR” E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE COLETIVAS (ANOS 1990 A 2010)**

**PATRICK VITALIANO CARVALHO MORENGHI**

**PÓS-GRADUANDO/MESTRADO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

[patrick.morenghi@aluno.ufop.edu.br](mailto:patrick.morenghi@aluno.ufop.edu.br)

### Resumo

O presente resumo expandido do artigo se baseia nos resultados parciais da pesquisa de mestrado desenvolvida no programa de pós-graduação de História da Universidade de Ouro Preto. Apresenta-se um estudo de caso sobre a implementação de uma estratégia avivamentista denominada “visão celular” na igreja evangélica Comunidade Cristã de Ribeirão Preto, localizada na cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo. Tal recorte também se localiza no período de crescimento do campo evangélico no Brasil, com destaque para o crescimento das igrejas pentecostais, e igrejas autônomas. A busca por compreender o crescimento do campo evangélico não é somente uma procura por desenvolver a história das religiões no país; sobretudo, deve-se ao fato dos evangélicos passarem a ter atuação contundente no cenário político brasileiro. A pesquisa procurou compreender como a adoção da “visão celular” impactou o conjunto de seguidores da Comunidade Cristã de Ribeirão Preto e como se desenvolveu a mobilização dos membros, que pretendiam ampliar o número de seguidores da igreja. Por fim, se procura entender como a adoção da estratégia avivamentista conformou redes sociais no interior da igreja e engendrou uma nova identidade coletiva. Para isso buscou-se melhor caracterizar o sistema simbólico no qual se insere a Comunidade Cristã de Ribeirão Preto, seus seguidores e as redes sociais constituídas.

### Introdução

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A configuração social e histórica da concepção de “evangélicos” e “igreja evangélica” no Brasil é produto de um complexo processo histórico de reelaboração do campo religioso brasileiro. Estudar e pesquisar as religiões no Brasil passou a ser tarefa de pesquisadores que pretendem compreender como essas religiões, entre outras coisas, se relacionam com a formação da sociedade brasileira. Mas, no caso do campo evangélico no Brasil, as indagações não circundam apenas a formação da sociedade contemporânea brasileira, mas, também, como um campo da religião cristã — que por mais de um século se localizou nas margens no cenário religioso brasileiro — passou a crescer de forma pujante, e redefiniu as configurações das religiões no Brasil<sup>1</sup>. A busca por compreender o crescimento do campo evangélico não é somente uma procura por desenvolver a história das religiões no país; sobretudo, deve-se ao fato dos evangélicos passarem a ter atuação contundente no cenário político brasileiro.

Propõe-se na análise desse artigo destacar e compreender elementos de um novo modelo eclesiológico, localizado no emaranhado contexto do campo evangélico brasileiro que é marcado por sua extensa pluralidade teológica e denominacional<sup>2</sup>. Se fez um estudo de caso sobre a implementação de uma estratégia avivamentista denominada “visão celular” na igreja evangélica Comunidade Cristã de Ribeirão Preto, localizada na cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo. Tal estratégia não se configura como

---

<sup>1</sup> Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000. **Resultado dos Dados Preliminares do Censo – 2010**. <https://censo2010.ibge.gov.br/>

<sup>2</sup> Existe uma vasta composição de pesquisas que procuram a compreensão do pentecostalismo brasileiro e seu crescimento, mas as abordagens se distinguem na preocupação com o aumento da participação na política institucional que os seguidores dessa denominação iniciaram, como a presença de parlamentares eleitos, protagonismo em determinados partidos políticos e ocupação de conselhos tutelares, como exemplos da participação na vida pública brasileira; mas também pesquisas que enfocam na adaptação à cultura moderna, com uso das mídias; além da abordagem sobre a relação do pentecostalismo com outras religiões de matrizes afro-brasileiras. Ver BELLOTTI, Karina Kosicki. **Delas é o reino dos céus**: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (1950-2000). São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010; BELLOTTI, Karina Kosicki. Surfando nas ondas do Senhor: juventude evangélica e mídia no Brasil (anos 2000-2010) **RELEGENS THRÉSKEIA** estudo de pesquisa em religião V. 03 – n. 01 – 2014; Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado**. Vozes/Simpósio Editora/Umesp, Petrópolis, São Paulo, São Bernardo do Campo, 1997; CUNHA, Magali. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

um ornamento para as igrejas que a implementam, mas, sim, a operacionalização de um novo modelo eclesial. Portanto se busca compreender, ao focar uma “estratégia avivamentista”, de uma igreja específica, o desdobramento das ações sociais desse grupo, além das consequências da transformação identificadas a partir de tal modelo.

A igreja em células<sup>3</sup> é um modelo mais descentralizado, com a participação de membros fixos das próprias comunidades, denominados líderes. Toda pessoa que se torna membro da comunidade evangélica, na qual adota a “visão celular”, deve ser ensinada a liderar um núcleo religioso da igreja, que por sua vez precisa se reunir semanalmente em qualquer espaço da cidade onde se localiza a igreja. Todo líder é responsável por ensinar os novos membros a se tornarem líderes, que terão que fundar novos núcleos. A estrutura dos núcleos é denominada célula. A primeira liderança da igreja é o pastor, ou, comumente, um casal de pastores, que terão doze lideranças sob sua orientação. E cada liderança, também, é responsável por liderar o mesmo número de pessoas. Tal sistema se denomina G12, alusão aos doze discípulos que Jesus constituiu de acordo com os evangelhos bíblicos e as doze tribos de Israel. A CCRP é liderada pelo casal de pastores Danilo e Mônica Figueira.

A estrutura das células — elemento fundamental da “visão celular” — é a proposta de divisão da igreja na qual pequenos grupos com o propósito de alcançar novos membros.

Uma igreja em células é uma comunidade de cristãos baseada em pequenos grupos, que se reúnem regularmente nas casas, locais de trabalho, escolas e outros lugares apropriados, com o objetivo de promover evangelismo, pastoreamento, comunhão, oração e ensino da Palavra de Deus. (FIGUEIRA, 2003. p. 7)

As células “não são uma opção entre todos os demais programas e estruturas, mas são estrutura principal, na qual todos devem estar inseridos.” (FIGUEIRA, 2003. p. 7) A diferença desse modelo para o convencional é a maior organicidade, que possibilita “gozar de uma comunhão pessoal com outros membros” (FIGUEIRA, 2003. p. 7) e constituir relações interpessoais entre os indivíduos, que são parte do conjunto de adeptos. Assim, buscou-se compreender no decorrer do processo de adoção desse novo modelo

---

<sup>3</sup> Aqui utiliza-se a denominação confessional com o intuito descritivo. Posteriormente passa-se a adotar igreja em rede, um conceito cunhado a partir do quadro analítico baseado em James Jasper e Manuel Castells, demonstrado ao longo do artigo.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

eclesiástico a sua capacidade em conformar um movimento capaz de mobilizar um grande número de fiéis em um mesmo projeto. Também se destacou através da investigação as relações entre a conformação dos núcleos interligados e a construção de uma identidade coletiva, além do seu papel na mobilização social no interior da igreja.

As fontes utilizadas para as análises realizadas foram manuais escritos e revisados por duas lideranças da igreja Comunidade Cristã de Ribeirão Preto, CCRP. Danilo Figueira, principal liderança da igreja, é o escritor, enquanto Antonio Valente, outro pastor da mesma igreja, é indicado nos direitos autorais da obra como revisor. Os manuais são divididos em seis volumes, com título *LIDERANÇA PARA A ÚLTIMA COLHEITA*. Foram produzidos com o intuito de formar recém ingressos na igreja, tanto na apresentação teológica presente na comunidade, quanto para focar no modelo eclesiástico da “visão celular”: direcionar o fiel a se tornar um novo líder e fundar seu próprio núcleo religioso<sup>4</sup>. A passagem pelo processo de formação nos preceitos teológicos e organizacionais da igreja é obrigatório, e denominado “escola de líderes”.

O artigo se baseia nos resultados parciais da pesquisa de mestrado desenvolvida no programa de pós-graduação de História da Universidade de Ouro Preto. O enfoque que se apresenta é sobre a investigação realizada nos materiais impressos, portanto, na narrativa e conjunto discursivo oficial da Igreja. O recorte cronológico delimitado é entre os anos 1990 até 2010, por se tratar do período de adoção do modelo eclesiástico de igreja em rede até o momento em que se identifica a consolidação do modelo e crescimento da igreja. Portanto, se trata, também, da investigação histórica da expansão de igrejas<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> O substantivo confessional utilizado pela Comunidade Cristã de Ribeirão Preto, e pela maioria das igrejas que adotam a “visão celular”, é “célula”. Procurou-se utilizar no artigo o conceito de núcleo religioso para compor um quadro analítico descritivo não confessional. Utiliza-se o substantivo confessional “célula” quando o intuito é a investigação da linguagem, códigos e signos religiosos adotados pela igreja.

<sup>5</sup> A caracterização de igreja, e não seitas, se faz a partir das reflexões de Ernest Troeltsch, que define a igreja como uma instituição conservadora, na qual procura o controle das massas e tem como princípio o universalismo, e, portanto, passa a ter uma relação de aceitação com o poder secular. O ascetismo presente na igreja tem como característica a preparação para a vida sobrenatural, onde é conduzido sob tutela da igreja. Tais características são centrais para compreender a pretensão de expansão dos domínios da igreja em conseguir conquistar toda a humanidade. A definição de Troeltsch é um tipo-ideal, Sérgio da Mata afirma que a tradução de valores simbólicos é responsabilidade da igreja, portanto, conforme a transformações de cada contexto, essas características se alteram para enquadrar novas traduções dos valores simbólicos na constituição de outras visões de mundo. Ver: TROELTSCH, Ernest. Igrejas e Seitas. **Religião e Sociedade**, 14 (3): 134-144, Rio de Janeiro.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

evangélicas autônomas, não ligadas as grandes denominações evangélicas brasileiras ou internacionais.

História do tempo presente: religião, política e sociedade

O recorte temporal na qual se delimita o objeto estudado se compreende dentro da pesquisa do tempo presente, se especificando no campo da história da religião do tempo presente. Para Sérgio da Mata e Mateus Pereira, tempo presente é quando eventos e/ou conjunto de experiências continuam acesas (PEREIRA; DA MATA, 2012) na sociedade. Sobre o tempo presente a historiadora Marieta de Moraes Ferreira acrescenta que a

história do tempo presente pode permitir com mais facilidade a necessária articulação entre a descrição das determinações e das interdependências desconhecidas que tecem os laços sociais. Assim, a história do tempo presente constitui um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social. (FERREIRA, 2000. p. 122)

Também o ascenso da atuação religiosa na cena pública impõe um desafio analítico, teórico e metodológico a ciência histórica, que emerge do tempo presente (FONSECA, 2019). Portanto, com vantagens analíticas e desafios teóricos, e por se tratar de uma pesquisa sobre o campo evangélico, não se pode omitir problemáticas e tensionamentos ecoados socialmente na contemporaneidade.

É fato comum o crescimento de grupos cristãos oriundos do campo protestante organizados em apoio a presidentes do campo conservador, como Sebastian Pinera, Iván Duque, Luis Lacalle Pou e Jair Bolsonaro, além do apoio a ex-presidentes como Álvaro Uribe e Donald Trump. Existe, então, a emergência do protagonismo de determinado setor do campo protestante quanto a transformação social de países como EUA, Chile, Colômbia, Uruguai, Argentina e Brasil (ALVES, 2014; BERGER, 2000; FONSECA, 2018;).

Sérgio da Mata afirma como no Brasil “a tensão latente produzida por uma nova configuração teológico-política vem se acentuando desde a campanha presidencial de 2010, para atingir seu ponto alto, ou mais baixo – tudo é questão de perspectiva – na eleição de 2018.” (2020. p 53). A participação dos evangélicos no contexto político passou a ser tema de inúmeros trabalhos da sociologia e antropologia (CUNHA, 2007;

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MARIANO, 2014; RODRIGUES, 2008; SILVEIRA 1997), que analisam a participação desses grupos desde a constituinte, até a eleição de governadores, além de atuações parlamentares - como o episódio da presidência da comissão de direitos humanos ocupada pelo deputado federal e pastor Marcos Feliciano - e atuação nas eleições presidenciais, especialmente a partir de 2010, como mencionado por Sérgio da Mata (2020. p 53). Através destes casos, constata-se como a correlação entre política e religião é quase incontornável.

Cabe-nos apenas reconhecer o seguinte: quem fala de religião, fala de poder – fala portanto de “política”, de ação (ainda que sob a forma, inversa, de não ação), de ideologia. A imbricação entre duas esferas revela não uma “patologia” mas uma homologia. Uma permanência da qual não podemos nunca, talvez, nos livrar. (DA MATA, 1996. p. 148).

No Brasil o campo protestante é determinado como evangélico<sup>6</sup> devido a pluralidade de denominações e origens, que apesar das diferenças teológicas, ritualísticas e históricas, tem origem e reivindicam sua origem das reformas protestantes Europeias (BELLOTTI, 2010). A participação de setores evangélicos nas manifestações contrárias ao governo Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, além da participação orgânica aos movimentos favoráveis ao processo de Impeachment de 2016, com o apoio público de lideranças evangélicas e a participação ativa do público os colocou em evidência como atores daquele processo político. Posteriormente, nas eleições de 2018 o então candidato ao cargo de presidente da República Jair Bolsonaro passou a reivindicar-se evangélico, frequentar cultos e direcionar discursos ao público evangélico (DA MATA, 2020). Uma significativa parcela de evangélicos se tornaram base de apoio na disputa eleitoral. O lema de campanha, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, bem como a presença

---

<sup>6</sup> É importante apontar que a diferenciação entre evangélico, pentecostal e protestante é um campo de debate e disputa entre grupos religiosos e acadêmicos, o que não significa a inexistência de consensos, mas, a depender da escolha do conceito, pode-se compreender a qual conjunto de valores é reivindicado. Também existe uma diferença na tradução entre movimentos do Brasil e Estados Unidos, onde a tradução de *Evangelical* pode não fazer referência aos *Evangélicos* no Brasil. Optou-se por utilizar evangélicos por englobar diferentes denominações, apesar da maioria das igrejas que adotaram a “visão celular” se denominarem pentecostais. Também se reafirma que o protestantismo é compreendido como parte da religião cristã. Ver BEBBINGTON, David. **Evangelicalism in modern Britain: a history from the 1730's to 1980's**. Abingdon: Routledge, 1988; GRUDEM, Wayne; ASMUS, Barry. **Economia e política na cosmovisão cristã: contribuições para uma teologia evangélica**. São Paulo: Vida Nova, 2016; DE MORAES, Gerson Leite. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Revista de Estudos da Religião** junho / 2010 / pp. 1-19.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

constante da citação de parte do versículo de João 8:32, “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8:32, Almeida Revista e Atualizada), são boas sínteses da importância de tal campo religioso para a eleição de Jair Bolsonaro. Ápice se deu no dia da vitória com destaque para a oração do pastor e senador derrotado do estado do ES, Magno Malta e presença da então futura ministra de estado das Mulheres e Direitos humanos, Damares Alves.

Anunciado o resultado da apuração, a primeira manifestação pública do novo presidente adquiriu contornos sem precedentes na história do Brasil republicano. Formou-se um semi-círculo em volta de Jair Bolsonaro, e ninguém que tenha acompanhado a cena ao vivo teve dúvidas que o que se seguiria em instantes não seria uma primeira palavra à nação ou ao candidato derrotado, mas uma prece. “A Tua palavra diz que quem unge a autoridade é Deus”, disse o então senador Magno Malta, “e o Senhor ungiu Jair Bolsonaro”. Num brevíssimo discurso, Bolsonaro jurou defender a democracia: “Isso é uma promessa, não de um partido, não é a palavra vã de um homem; é um juramento a Deus”. (DA MATA, 2020, p. 53).

A apresentação de alguns desses acontecimentos corroboram para explicitar o contexto de uma pesquisa no campo da história das religiões do tempo presente, bem como o aspecto transnacional desse fenômeno, característico do movimento analisado (ALVES, 2014). Também deve-se ressaltar a não unicidade e unidimensionalidade do fenômeno religioso evangélico no Brasil a partir dos acontecimentos narrados na segunda metade da década de 2010. Estudos advindos da sociologia e antropologia da religião já destacam a participação evangélica no contexto político brasileiro, como a participação na constituinte de 1989 e durante os governos nos dois mandatos de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010) e do primeiro de Dilma Rousseff (2011-2014).

A pendularidade histórica de compreensões teológicas e sua reverberação no mundo, aliados com a inquestionável pluralidade da religião cristã, e do campo evangélico no Brasil, impede que conclusões pouco criteriosas se sustentem. É inegável a fundamentação de um amplo campo cristão na defesa de ideias que questionam valores humanos e corroboram com o que tem de pior nos discursos da nova extrema direita. Também é necessário compreender as dinâmicas do campo religioso, que possuem uma lógica própria.

O campo religioso é, nesse sentido, aquele em que os bens religiosos estão em jogo, havendo nele lutas pelas maneiras de desempenhar os papéis determinados no próprio jogo. Nele se manipulam visões de mundo na elaboração de estruturas de percepção do mundo, palavras, princípios de construção da realidade. A religião tem, nessa perspectiva, um caráter de

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

linguagem. É um sistema simbólico de comunicação e de pensamento. Como subespaço social de produção e circulação de bens simbólicos religiosos, o campo religioso está assim sujeito a regras específicas que o configuram nas práticas. (JÚNIOR, 2008, p. 52).

A pesquisa da história do tempo presente, apesar de ser pautada primordialmente por questões políticas intensas na esfera pública, não deve ignorar processos e lógicas inerentes ao objeto em análise. Não desaparece do horizonte da pesquisa os questionamentos das radicais transformações políticas e religiosas apresentadas. Pode-se, inclusive, averiguar hipóteses mais robustas sobre tais questões a partir de pesquisas do campo da história da religião no tempo presente. Mas para tanto é preciso

colocar sob o espectro da análise histórica o fenômeno religioso atual como algo que tem uma autonomia relativa, um subespaço sociocultural que possui sua lógica própria, sua historicidade e que não pode ser reduzido a fenômenos econômicos ou políticos. (JÚNIOR, 2008, p. 53).

Não se faz aqui a defesa de uma pesquisa tautológica da religião, e, especificamente, do campo evangélico brasileiro. Jean Pierre-Vernant, ao pensar a abordagem de três ordens de fenômenos religiosos- rituais, mitos e figuração -, afirma como essas “articulações interessam não apenas às relações com o divino, como também à economia, à vida doméstica, à autoridade, à divisão e ao exercício do poder no mundo dos homens.” (2006, p. 92). Para Sérgio da Mata, esse fenômeno ocorre, pois, “a ação no concreto da vida social, econômica e política se pauta pelos princípios religiosos que, no limite, ambicionam conformar o “mundo” aos “valores” e assim eliminar a separação entre as duas instâncias.” (1996, p. 153). Conclusão convergente com Jean Pierre-Vernant, ao afirmar “que a religião é, acima de tudo, a maneira pela qual uma sociedade chega a pensar-se a si mesma.” (2006, p. 67). Donizete Rodrigues acrescenta que

A religião, como expressão simbólica das experiências sociais, como fenômeno social, como subsistema cultural/social, é de primordial importância na análise de todas as sociedades humanas. É a chave para a compreensão da vida social, das práticas institucionais, para entender as experiências cotidianas e os processos de mudança social. (RODRIGUES, 2008, p. 34).

Assim, ao investigar como os evangélicos transformaram a forma de se relacionar com o sagrado a partir do formato como se compreende a igreja, não se formula hipóteses circunscritas a uma questão eclesiológica. Nesse artigo propõe-se, então, ao apresentar um quadro analítico do cenário religioso brasileiro, a necessidade de ampliar as investigações entre religião, sociedade, política e cultura.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“Revolução Eclesiástica”: a igreja pensada para um novo milênio

A investigação realizada sobre esse novo modelo eclesialístico não se inicia, nem se propõe apresentar, na origem do fenômeno. O centro da pesquisa é compreender o conjunto de ideias de um modelo eclesialístico, que, na concepção dos líderes da igreja, “é a grande revolução eclesialística desse novo milênio” (FIGUEIRA, 2003, p. 12); como esse modelo se propõe transformar a igreja e a sociedade; além de desenvolver hipóteses sobre as estratégias da capacidade de igrejas autônomas em consolidar identidades coletivas e mobilizar a ação social coletiva de suas comunidades. A tradução confessional e religiosa para esse objetivo é do avivamento

A caracterização da formação desse arcabouço de ideias referentes a um avivamento é fundamental para a investigação da ideia de transformação eclesialística que se concretiza com a igreja em rede. Por se tratar, como exposto, de um fenômeno pertencente à história do tempo presente as análises possuem a defasagem por desconhecer as conclusões dos processos históricos dos seus objetos de estudo. No caso, a real efetivação de uma revolução no campo evangélico. Contudo, a história do tempo presente tem a exitosa vantagem de compreender a relação entre as ideias e ações dos indivíduos (FERREIRA, 2000). Assim buscou-se melhor refletir a interação entre as estratégias e objetivos, contidos no arcabouço de ideias da concepção de revolução eclesialística para o século XXI, e a ação social dos atores envolvidos em tal processo revolucionário. Aprender a estruturação desse ideário também é destacar e desnudar o significado das ideias. O significado é o responsável, por conseguinte, em dar sentido a ação social concretizada pelas redes sociais evangélicas concebidas em tal modelo.

Sérgio da Mata define esse conjunto de significados como “sistema de símbolos particular” (1996, p. 153), e, também, demonstra como esse sistema é responsável pelas decisões concretas, portanto, pela ação social. Para Max Weber compreender a ação social se faz através da compreensão do sentido, ou sistema de significados, por trás da ação social. Se complementa a essa ideia as proposições de Sérgio da Mata ao afirmar que é necessário dominar os códigos de um universo religioso (sua linguagem) para efetivamente obter sua compreensão (1996, p. 153). Portanto, uma cuidadosa análise dos códigos utilizados pelas comunidades evangélicas, e, conseqüentemente, a exposição do

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

sentido que motiva a ação avivamentista presente na estratégia da igreja em rede é um fundamental percurso metodológico para a apreensão do fenômeno religioso.

Para tanto, é necessário recorrer aos autores do campo teológico (DA MATA, 2010) para decodificar a linguagem desses movimentos religiosos, seus valores e objetivos a partir de uma base de códigos comum. Isso permite a possibilidade de caracterizar a influência do etos pentecostal na cultura evangélica brasileira. O teólogo Roberto McCallister definiu esse conjunto filosófico como “imaginário social pentecostal” (McALISTER, 2018; SMITH, 2010), além de elencar aspectos desse imaginário, como o mover de Deus através das pessoas, a ideia de um mundo dividido entre material e espiritual, juntamente com a ideia que ambos os mundos possuem interferência, um em detrimento do outro, usualmente traduzido pela expressão “confissão positiva”, e o processo epistêmico pentecostal, que não vê “a teologia como fonte de nossa fé, mas sim, como explicação de nossa experiência com Deus” (McALISTER, 2018). Portanto, um processo epistêmico fundamentado nas experiências sensitivas individuais e coletivas presentes nos grupos pentecostais. Essa caracterização se torna incontornável para a apreensão dos motivos que levam os seguidores a se engajarem em um projeto, que ao primeiro olhar pode parecer desconectado do mundo material, mas, no qual, na verdade, as ações sociais coletivas parecem viabilizar a concretização de determinada visão escatológica de mundo.

Portanto expressões metafóricas como “avivamento”, “colheita” e “família” são códigos que representam não apenas ideias, mas objetivos comuns à comunidade religiosa dessas lideranças. A possibilidade da interferência divina na terra, através de intermediação dos fiéis, desloca a teleologia para os membros das igrejas. Existe então um compartilhamento de responsabilidade entre as lideranças das igrejas com os demais membros, pois através da sua ação na terra é que se criam condições para a concretização teleológica, para os evangélicos uma promessa divina, presente na Bíblia em diversos livros, tanto no velho como no novo testamento. É importante destacar a não existência de uma divisão entre uma consciência (ou onisciência no vocabulário da religião cristã) da igreja e Deus, mas a definição da responsabilidade que os membros e líderes das igrejas possuem em ampliar o conjunto de fiéis.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

O propósito central da Visão Celular, como descrito, é ser uma estratégia concreta para um objetivo espiritual do cristianismo, intermediado por igrejas evangélicas. O objetivo central é descrito nos manuais, utilizados como fontes de pesquisa, como o maior sonho divino presente da religião cristã.

O Deus que servimos é um Deus visionário. Por uma eternidade inteira Ele sonhou com uma grande família enchendo a terra com sua Glória. {...} ao criar o primeiro casal e dar-lhe a ordem para encher a terra, o Senhor estava manifestando o desejo de ter uma grande família expressando sua glória ao redor do mundo. (FIGUEIRA, 2003, p. 5)

Pode-se notar uma interpretação muito clara e direta do livro de Gênesis, na qual o texto apresenta uma das primeiras ações divinas – a criação do homem – afirmando como o sonho divino. A utilização de metáforas é uma característica marcante do cristianismo. A Bíblia, principal livro da religião cristã, possui como característica a utilização de inúmeras metáforas, com diferentes funções e executadas por oradores de várias origens e funções sociais. Portanto o discurso cristão possui um reflexo sobre sua principal fonte de legitimação da religião.

A historiadora Eliane Moura da Silva afirma que um dos desafios centrais da história cultural é “ligar a construção discursiva do social e a construção social do discurso na especificidade da compreensão histórica” (SILVA, 2011, p. 22), na qual cultura e religião tornam-se categorias analíticas e qualificantes. Portanto se tem como desafio determinar enunciados que desvendem os elementos constitutivos do discurso que expressa o objetivo de toda uma comunidade religiosa, e não apenas o exercício de traduzir metáforas. A utilização do texto localizado no primeiro livro da Bíblia para apresentar o objetivo, representado como família, é uma construção discursiva que pode escapar a compreensão se for traduzido apenas como a ideia do crescimento da igreja. Crescer é sim um objetivo compartilhado entre as lideranças da igreja em rede. Contudo existe um sentido norteador nesse discurso. Algo que coloca o crescimento dentro de uma lógica organizativa da vida.

Pouco a frente, no mesmo manual já citado, apresenta-se a concepção de Jesus, que não seria “apenas o unigênito, mas o primogênito entre muitos irmãos, Deus estava apontando para uma realidade de uma família.” (FIGUEIRA, 2003, p. 10) O

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

sequenciamento de dois textos amplamente difundidos na cultura cristã, criação do mundo e a redenção – na figura de Jesus Cristo – evidenciam a lógica da narrativa na construção de um sentido compartilhado: o pertencimento a uma grande família que compartilha com seu pai e criador o desejo de expansão da mesma família.

O modelo de igreja em células é a grande estratégia de Deus para a colheita deste final dos tempos. Aguardamos um avivamento sem precedentes na História, cujo resultado será multidões incontáveis correndo para a presença de Deus. Nenhuma estrutura ou templo será capaz de comportar este povo, a não ser as “igrejas em casas”. p. 11

Evidencia-se, então, uma construção discursiva que organiza um sentido comum aos fiéis que possuem diferenças sociais, econômicas, raciais e culturais, visto a pluralidade que de indivíduos que constitui o conjunto de fiéis da igreja, e passam a compartilhar uma cosmovisão (ELIADE, 1992) comum. A cosmovisão coexistente com o sentido construído, ou “ordenação da experiência” (BERGER, 2018a, 2018b), tem como característica central impelir o fiel a cumprir o destino teleológico a partir da ação social individual e coletiva. Essa conjunção de elementos pode ser compreendido como o ímpeto avivamentista.

O ideal de avivamento tem como influência o etos e a teologia pentecostal, portanto não é uma novidade dentro de diversas igrejas de tradição pentecostal, que, como já apresentado, possuem uma larga tradição em realizar missões e estratégias na busca da concretização desse objetivo. Contudo a “visão celular” ao propor o modelo eclesialístico de igreja em rede inaugura uma nova estratégia para um antigo objetivo.

Uma visão é um plano a ser executado. Ela traz dois elementos fundamentais: propósito e estratégia. Quando Deus reparte uma visão com um homem ou com um grupo, ele mostra um objetivo a alcançar, mas mostra também o caminho para fazê-lo. Uma coisa não subsiste sem a outra. Sonhos sem estratégia não passam de ilusão. Estratégia sem propósito, não passa de loucura. Portanto, quando nos referimos a uma visão compartilhada pelo Espírito de Deus com o homem, estamos falando de um plano que tem começo, meio e fim. (FIGUEIRA, 2003, p. 6)

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Nota-se novamente a influência do etos pentecostal na apresentação desse plano. Existe uma experiência transcendente entre tais lideranças evangélicas. Elas não são individualizadas, e se manifestam de forma compartilhada. Se entrelaça aqui a transcendência coletiva e individual, a justificação teológica pentecostal e uma elaboração racional de um projeto eclesiológico para concretizar o projeto teleológico da cosmovisão cristã. Contudo a racionalização de tal projeto é constituída em inspiração divina.

O Espírito tem repartido com sua Igreja uma visão para estes últimos dias. O modelo de igreja em células no governo dos doze é algo que nasceu no coração de Deus para a grande colheita que experimentaremos (FIGUEIRA, 2003, p. 8)

Nesse modelo a igreja torna-se “uma comunidade baseada em pequenos grupos”, que têm a liberdade de se reunir em qualquer local onde o fiel que a lidera encontrar pessoas dispostas a participar e a viabilidade do local. A vantagem em tal modelo organizativo é o desenvolvimento de “amizades e alianças” (FIGUEIRA, 2003, p. 6). As lideranças perceberam que à medida que as igrejas crescem existe a tendência do distanciamento entre eles e os demais fiéis. Uma igreja descentralizada, tanto no espaço físico, quanto em relação ao exercício da liderança, permite que laços afetivos se consolidem e fortaleçam a relação entre os indivíduos dessa comunidade religiosa.

Para o sociólogo James Jasper a caracterização do modelo descrito deve ser compreendida como redes sociais, pois constitui um grupo social imbuído de identidade coletiva, por onde se desenvolve a ação coletiva e é fundamental para mobilização em conjunto (JASPER, 2016). Tais redes sociais são possibilitadas devido as estruturas constituídas pela “visão celular”, com maior descentralização e agência ativa dos membros da igreja. A atuação dessas múltiplas lideranças religiosas permite uma maior mobilidade da igreja, por não depender de grandes estruturas físicas ou líderes de ofício, aumentando a sua capacidade de mobilização e integração. Por sua vez, a identidade coletiva dessa rede social será o arcabouço de significados da igreja e seus membros. Ela mediará a interpretação e a finalidade da ação coletiva, superando outras fontes de significado, como propõe Castells. Para o autor, a

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, por instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço. (CASTELLS, 2018. p. 55).

Portanto a identidade coletiva, que compreende os membros da comunidade religiosa, reorganiza o seu sistema de significados. Tal sistema se constitui de signos e linguagem específica. Portanto, é necessário a circunscrição dos signos e linguagem utilizados entre os membros e responsável por diferenciar os seguidores da igreja em relação ao mundo. Manuel Castells define a identidade coletiva como o “processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalecem(m) sobre outras fontes de significado.” (2018, p. 55).

Assim, delimita-se para essa pesquisa, como o ideário de uma igreja em rede fora transmitido no interior da igreja Comunidade Cristã de Ribeirão Preto, e como se é proposto a conformação de redes sociais. Também a construção da identidade coletiva dessa rede social através da influência do pentecostalismo. Além de buscar a relação entre a conformação das redes sociais e da construção de uma nova identidade coletiva e o contínuo processo de crescimento da corrente religiosa que mais cresce no Brasil desde as últimas décadas do século XX e início do século XXI.

## Referências Bibliográficas

- BEBBINGTON, David. *Evangelicalism in modern Britain: a history from the 1730's to 1980's*. Abingdon: Routledge, 1988;
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Promessas*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2006
- BELLOTTI, Karina Kosicki. Pluralismo protestante na América Latina. In: SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs). *Religião e sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo : Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

- BELLOTTI, Karina Kosicki. *Delas é o reino dos céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (1950-2000)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010;
- BELLOTTI, Karina Kosicki. *Surfando nas ondas do Senhor: juventude evangélica e mídia no Brasil (anos 2000-2010)* RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 03 – n. 01 – 2014
- BERGER, Peter. *A dessecularização do mundo: uma visão global*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1): 9-24, 2000
- BERGER, Peter. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018.
- BOECHAT, João; DUTRA, Roberto; PY, Fábio. *Teologia da Prosperidade Campista: apóstolo Luciano e suas ressignificações religiosas na igreja pentecostal semear*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 38(2): 198-220, 2018.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação*. Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018
- CUNHA, Magali. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007.
- DA MATA, Sérgio. *Sacralização da política, politização do sagrado (quando a Igreja se descortina)*. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, nº 16, 142-157, 1996
- DA MATA, Sérgio. *A teologia política do governo Bolsonaro*. In: DE ARAUJO, Valdeí Lopes; KLEN, Bruna S.; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria (orgs.). *Do Fake ao fato: (des) atualizando Bolsonaro*. Vitória: Editora Milfontes, 2020
- DA MATA, Sérgio. *História & Religião*. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2010.
- DE MORAES, Gerson Leite. *Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro*. *Revista de Estudos da Religião* junho / 2010 / pp. 1-19.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, Franklin. *Avivamento para a igreja: o poder do Espírito Santo e da oração na renovação da igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2010
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

- FONSECA, André Dioneu. História e Pentecostalismo. In: REIS, Tiago Siqueira; et al (orgs.). Coleção história do tempo presente: volume 1. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019
- GRUDEM, Wayne; ASMUS, Barry. Economia e política na cosmovisão cristã: contribuições para uma teologia evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2016
- JASPER, James M. Protesto: uma introdução aos movimentos sociais. Zahar, 2016.
- LUCKMANN, Thomas. A religião invisível. São Paulo: Olho d'Água; Loyola, 2014
- McALISTER, Walter. O pentecostal reformado. São Paulo. Vida Nova, 2018
- MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014
- MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. Fides Reforma, XI, n.2, p. 33-35, 2006.
- PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; DA MATA, Sérgio. Introdução: Transformações da experiência do tempo e pluralização do presente. In: VARELLA, Flávia Florentino; et al (orgs.). Tempo presente & usos do passado. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012
- PRANDI, Reginaldo. Um sopro do Espírito. São Paulo: Edusp, 1998.
- RODRIGUES, Donizete. Novos movimentos religiosos: Realidade e perspectiva sociológica. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 12, v. 19(1), 2008
- SILVEIRA, Leonildo. Teatro, Templo e Mercado. Vozes/Simpósio Editora/Unesp, Petrópolis, São Paulo, São Bernardo do Campo, 1997
- SMITH, James K. A. Thinking in togues: Pentecostal contributions to Christian philosophy. Grand Rapids. Eerdmans, 2010
- TROELTSCH, Ernest. Igrejas e Seitas. Religião e Sociedade, 14 (3): 134-144, Rio de Janeiro
- VERNANT, Jean-Pierre. Entre Mito e Política. São Paulo, SP. Editora da Universidade de São Paulo, 2006
- WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva / Max Weber; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn - Brasília, DF : Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021**